



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”
Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Questão Urbana.

FAVELA DOS GUARARAPES: UMA NARRATIVA DE ESTIGMA E RESISTÊNCIA

Beatriz Fartes de Paula Neves¹

Resumo: O tema a ser elencado neste trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, apoiada no uso da história oral, sobre o processo de estigmatização das favelas do Rio de Janeiro e a luta pela permanência das famílias residentes na Favela Guararapes, localizada no bairro Cosme Velho, na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Estigmatização socioespacial, favela, marginalização e resistência.

Abstract: The theme to be highlighted in this work is a qualitative research, supported by the use of oral history, the stigmatization process of the favelas of Rio de Janeiro and the struggle for the permanence of the families living in Favela Guararapes, located in the neighborhood Cosme Velho, in Rio de Janeiro city.

Keywords: Socio-spatial stigmatization, favela, marginalization and resistance.

I. INTRODUÇÃO

A presente exposição tem como proposta contribuir com reflexões sobre a luta pela permanência das famílias residentes na Favela Guararapes, localizada no bairro Cosme Velho, na cidade do Rio de Janeiro.

Como metodologia de pesquisa, proponho a realização de uma pesquisa qualitativa de natureza histórica, apoiada no uso da história oral que incluirá entrevistas semiestruturadas com antigos moradores dos Guararapes.

Por se tratar de um trabalho em curso, as informações aqui contidas são ainda parciais, baseadas em análise documental e análise de dados secundários como arquivos, jornais, bancos de dados, bibliotecas, sites da Internet a respeito do tema e também de informações obtidas através da observação de campo.

Apesar de ainda pouco usual na faculdade de Serviço Social, o uso da história oral como metodologia de pesquisa é cada vez mais utilizado por pesquisadores que discorrem sobre histórias de resistências. Ao se optar em analisar os excluídos, os marginalizados e as minorias, a história oral tende a ressaltar a importância de

¹ Estudante de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, E-mail: bfartes@yahoo.com.br.

memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial"².

Para pensar o processo de estigmatização da favela dos Guararapes, primeiramente, é necessário entender a origem da palavra "estigma" e qual o sentido que ela será empregada neste trabalho.

O termo "estigma" foi criado pelos gregos, atrelado a sinais corporais que sinalizavam que aquele indivíduo era um escravo, criminoso ou traidor. Esses sinais poderiam ser feitos por cortes ou marcas de fogo e quem dele tivesse era vetado do convívio social e de circular em lugares públicos. Durante a Era Cristã, a palavra "estigma" tem seu sentido ampliado, para alguns significava marcas corporais de graça divina, já para outros, representava sinais corporais de distúrbio físico³.

Atualmente, o termo "estigma" ganha um novo significado. Vivemos em uma sociedade em que definir um indivíduo como estigmatizado não significa dizer que esse tenha uma aparente marca corporal, mas que sua inclusão em uma categoria social pode ser ditada por cor sua da pele, características econômicas, culturais e sociais.

Mesmo que saibamos das especificidades de cada indivíduo, o sentido dado pelo processo de estigmatização tende a anular as diferenças existentes dentro de um determinado "grupo", igualando todos os moradores da favela dos Guararapes em uma única categoria, a categoria "favelado".

Partindo do viés da marginalização das favelas e sua estigmatização, o trabalho em questão busca analisar a construção da teoria do estigma do favelado, pautada em uma "ideologia que tende a inferiorizá-lo e a defini-lo como perigoso, definição essa proveniente de suas diferenças, tais como a de classe social"⁴.

II. DESENVOLVIMENTO

A favela dos Guararapes encontra-se em uma Área de Especial Interesse Social, instituída pela Lei de Área de Especial Interesse Social (AEIS), nº 2702 de 08/12/1998

² M. Pollak, *Memória, esquecimento*, silêncio, p. 2.

³ E. Goffman, *Estigma- Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, p.

⁴ E. Goffman, *Estigma- Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 1980, p. 15.

Resolução de Projeto de Alinhamento (PA), nº 11382.

A prefeitura do Rio de Janeiro define Guararapes como pertencente ao Complexo dos Guararapes que também abarca as favelas vizinhas - Cerro-Corá e Vila Cândido. Apesar de constar em fontes oficiais da prefeitura, o nome “Complexo dos Guararapes” é desconhecido pelos moradores das três favelas.

Tabela I: Dados demográficos do Complexo dos Guararapes: população e domicílios

Comunidade	População	Domicílios
Cerro-Corá	708	200
Guararapes	673	161
Vila Cândido	1.424	418
Total	2.805	779

Fonte: Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010)



Figura 1 Mapa do Complexo dos Guararapes. Fonte:Rio+Social/ IPP, 2016.

A favela Guararapes surgiu em um dos mais tradicionais bairros do Rio de Janeiro, o bairro Cosme Velho apelidado pelo nome de “Águas Férreas”, atraía atenção desde a época do império com a frequente visita da Rainha D. Maria I e de sua nora D. Carlota Joaquina que bebiam as águas do bairro na fonte chamada “Bica da Rainha”⁵. No século XIX teve como moradores nobres do Império e renomados artistas - Machado de Assis, Manuel Bandeira, Euclides da Cunha e Cecília Meireles.

O processo de ocupação das terras dos Guararapes se dá nas três primeiras décadas do século XX, período esse em que se intensificava o discurso pela remoção das favelas da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. As casas ali construídas contrastavam com a arquitetura até então predominante, ladeada por uma vizinhança composta por mansões cujos seus proprietários concentravam parte das maiores rendas da cidade. A relação estabelecida entre moradores dos Guararapes e seus vizinhos era apenas proveniente da prestação de serviços por parte dos moradores da favela.

Assim como em outras favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro, a ocupação dessa área se deu em decorrência da grande demanda de emprego em áreas circunvizinhas. As características geográficas específicas da cidade do Rio de Janeiro permitiram que durante a reforma urbana trabalhadores residissem nas áreas centrais sem que no primeiro momento afetassem os interesses do mercado imobiliário que surgia, como foi o caso da Favela dos Guararapes⁶. Em pouco tempo a favela ganhava a menção de “ilegalidade” e em busca de uma maior apropriação do capital a urbanização capitalista extraía riqueza do trabalhador e da terra.

Progressivamente o Direito à Cidade foi impulsionado por interesses privados ou quase privados, engendrados por uma pequena elite política e econômica.⁷ O *crescimento acelerado das favelas X a mercantilização da terra* desencadeou a consolidação de uma prática de atuação pautada em ações de repressão e remoção das favelas⁸. Sob essa perspectiva, a ordem de remoção das favelas obedecia aos ditames da valorização da terra e assim as favelas dos bairros nobres da Zona Sul logo se tornaram ameaçadas. O discurso de ilegalidade contribuiu significativamente para o processo de “marginalização” e estigmatização socioespacial das favelas.

(...) realidade provisória e sob o subjetivo termo “irrecuperável”, pôde-se classificar todas as favelas indesejáveis, sobretudo as situadas nos bairros mais valorizados da Zona Sul. A estrutura jurídica que legitimava a política de

⁵ Fonte: <http://www.riodejaneiroaquai.com/portugues/cosme-velho.html>

⁶ R.S. Gonçalves, *Favelas do Rio de Janeiro: história e direito*, p. 68.

⁷ D. Harvey, *Cidades Rebeldes*, p.27 e segs.

⁸ Cf. R. Rolnik, *Guerra dos Lugares. A colonização da terra e da moradia na era das finanças*, 2015.

erradicação estava, enfim, configurada.⁹

Assim como outras favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro, o risco de remoção chegava à favela Guararapes. Localizado aos pés da Estátua do Cristo Redentor¹⁰ e vizinho do Hotel das Paineiras¹¹, esse espaço territorial disputava a cobiça de investidores que vislumbravam seu potencial econômico e cultural.

O discurso da favela como uma chaga urbana ecoava por toda a cidade com a mesma velocidade que ganhava força o processo de mercantilização da terra. As favelas eram rotuladas como epicentros de marginalidade urbana, aglomerados de condições insalubres e retiros de classes perigosos.¹² Os periódicos estampavam matérias de repúdio à favela, dentre elas destaque para a redigida pelo médico Mattos Pimenta que proferia o estigma das favelas em suas linhas.

As favelas, - criação genuinamente carioca não observada, em nenhuma outra cidade, mesmo do Brasil- não constituem puramente impiedoso crime contra a estética: elas são particularmente uma grave e permanente ameaça à tranquilidade e à salubridade pública (...). Ridículo e revoltante é a tendência que se vae accentuando entre nós, ao bafejo de certos espíritos bohémios, de aceitar as favellas como uma característica nossa, uma instituição feliz e interessante, digna de ser legada aos nossos pósteros como tradição nacional. Não. Aos intelectuais extravagantes que fazem a apologia da malandragem e da sujidade, que exalçam o capadócio e a sordidez que celebram as senzalas e as fedentinas, e proclamam que isto é brasileiro, que isto é carioca: oporemos nós a voz do bom senso, as regras incorruptíveis da verdadeira arte, os preceitos legítimos da verdadeira ciência, salvando do dismantelo futurista esta obra prima da natureza que é o Rio de Janeiro. Devemos cuidar de sua estética, sua hygiene e sua disciplina social com o mesmo esmero com que Deus cuidou de seus encantos.¹³

Por anos o Estado se recusou a urbanizar as favelas do Rio de Janeiro, caminhou a passos largos no apoio à remoção das favelas com a promulgação do Código de Obras (Decreto Municipal nº 6.000, de 1º de julho de 1937) que propunha a erradicação das favelas em troca da construção de unidades habitacionais populares afastados dos centros urbanos. Ideia essa fielmente defendida durante a década de 1960, em dez anos registrava-se a duplicação do número de favelas na cidade do Rio de Janeiro. Em resposta a esse crescimento acelerado, o regime ditatorial propunha a construção de conjuntos habitacionais que tenderiam a resolver o *problema-favela* e ainda aquecer a economia com o incentivo à construção civil.¹⁴

⁹ R. S., Gonçalves, *A política, o direito e as favelas do Rio de Janeiro: um breve olhar histórico*, p.6.

¹⁰ A Estátua do Cristo Redentor foi inaugurada em 12 de outubro de 1931.

¹¹ O Hotel das Paineiras, antigo Hotel Corcovado foi construído na Floresta da Tijuca, que faz parte da Mata Atlântica, e fica ao lado do Cristo Redentor.

¹² R.S. Gonçalves, *Favelas do Rio de Janeiro: história e direito*, p. 69.

¹³ R.S. Gonçalves, *Favelas do Rio de Janeiro: história e direito*, p. 97 apud Mattos Pimenta, *Correio do Amanhã*, 18 de novembro de 1926.

¹⁴ M. S. Brum, *Ditadura civil-militar e favelas: estigma e restrições ao debate sobre a cidade (1969-1973)*, p.360.

Frente ao risco eminente de serem removidos, coube aos moradores dos Guararapes no final da década de 1960 a busca por estratégias de resistência. O período da Ditadura Militar minava os canais institucionais de participação popular e sindical. Se no âmbito do trabalho a mobilização era minada, as manifestações organizadas pelas favelas que lutavam pela garantia de permanência também não era admitida pelo Estado. Para resistir à opressão imposta, cabia aos moradores dos Guararapes identificar uma alternativa de resistência legal que burlasse o poderio militar.

Contrariando o estigma de que na favela reinava a marginalidade e a vadiagem, a resistência dos moradores não se deu por meio da violência e sim de um direito advindo do trabalho formal, a permanência foi possível graças a mobilização dos moradores dos Guararapes que reuniram suas economias advindas do Fundo Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e no ano de 1967 compraram cerca de 33 mil m² da área ocupada pela Favela dos Guararapes, assegurando naquele momento a permanência da favela dos Guararapes¹⁵.

Antes nós éramos moradores da extinta Fazendinha, de propriedade do coronel Fantainha, sendo o Sr. Rômulo de Moraes Couto o responsável pelos empregados da fazenda, onde hoje localiza-se parte da Ladeira Guararapes, Peixoto, Conselheiro Lampreia e Mauriti Santos. Com a venda da fazenda para a imobiliária Perseverança e com as pressões dos moradores dos bairros Cosme Velho e Laranjeiras que pediam a nossa saída da área, as famílias tiveram a necessidade de atravessar o Rio Carioca, ocupando a área de propriedade da família Maia Guilei. Em 1967, após 37 anos de ocupação e lutam a nova geração de Guararapes teve a honra de se mobilizar e comprar a propriedade de 33.720 m², por 50.000 cruzeiros, pagos de 1967 a 1974 com os recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) dos moradores.¹⁶



Figura 2 Favela dos Guararapes, década de 1960. Fonte: Filme Associação de Moradores dos Guararapes por Sérgio Péa

¹⁵ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=UaK9M9Owaql&feature=youtu.be>

¹⁶ Cf. G. Maciel, 2015 apud vídeo na web "Liderança 05" das favelas Guararapes e Cerro- Corá, 2014

Mesmo de posse da titularidade da terra e uma aparente “legalidade”, os órgãos de financiamento habitacional se recusaram a pensar em qualquer projeto de habitação destinado aquele endereço. A favela carrega junto dela preconceitos que a impossibilitam de acessar os meios institucionais e simbólicos que estariam ao alcance de “todos”, o exercício da cidadania se faz cada vez mais distante da população empobrecida, privilegiando majoritariamente a função de particularização do espaço público¹⁷.

Se o Estado se recusava a prover uma política habitacional que os contemplassem, coube a população dos Guararapes e moradores de outras favelas se mobilizarem e adotarem estratégias de resistência que permitissem o acesso ao Direito à Cidade, acesso esse que por tantas vezes lhe foram negados.

Os moradores pobres do Rio de Janeiro têm tido muito poucas oportunidades de fazer valer suas opiniões sobre onde e como morar. Quando o podem, revelam uma clareza típica de quem tem de contar com uma “ideologia do cotidiano” a mais pragmática possível. Ao ouvi-los, fica claro que não lhes servem as máquinas burocráticas e empresarias que o Estado oferece para que resolvam seus problemas. Tampouco podem funcionar como peças dos jogos econômicos favoráveis ao Capital, pois isto só colide com os mecanismos, às vezes, muito complicados, que têm de manipular (redes de solidariedade, de amizade e de parentesco) para aguentar as dificuldades da vida.¹⁸

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, presenciemos por diversas vezes a negação do acesso do Direito à Cidade aos moradores dos Guararapes por parte do Estado. Diferente de outros moradores do Cosme Velho, aos moradores da favela dos Guararapes não existia a chance de ali permanecerem já que a arquitetura de suas casas, seus costumes e hábitos destoavam do padrão estético e cultural ditados pela modernização e higienização da nova cidade do Rio de Janeiro.

A justificativa para a remoção da favela dos Guararapes se dava por conta de sua “informalidade”. Por meio de uma espoliação urbana, o Estado concentrava todos seus recursos nas áreas apenas tidas como “formais”.

Hoje, a população dos Guararapes mesmo de posse de um documento que lhes garante a propriedade da terra, essa dita “legalidade” pouco representa a efetivação

¹⁷ G. S. Soares, *Entre o projeto de modernidade e a efetivação da democracia: marcas deixadas na construção da vida social brasileira*, p.37.

¹⁸ C. N. F. Santos, *A desordem é só uma ordem que exige uma leitura mais atenta*, p. 13.

do Direto à permanência. Em vez do bônus, eles colhem o ônus de uma dívida pública.

Para o Estado, a favela dos Guararapes nunca deixou de ser pensado como um espaço de reprodução da pobreza e de informalidade. Sob a sombra do estigma, seus moradores foram pressionados a deixar seus endereços. Mas felizmente, eles preferiram seguir o caminho da resistência e garantir a permanência em uma área de grande interesse econômico, social, político e cultural e conseguir se fazer valer do Direito ao acesso à Cidade.

REFERÊNCIAS

- BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. Usos & abusos da história oral/ Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. - 8. Ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRUM, Mario Sergio. "Ditadura civil-militar e favelas: estigma e restrições ao debate sobre a cidade (1969-1973)". *Revista Cadernos MetrÓpole*, nº 28, v.14, jul/dez 2012.
- COELHO, Franklin Dias, História Urbana e Movimentos Sociais> o movimento de reforma urbana (1950-1990), Tese de doutorado, Niterói: UFF, 1996, p. 128-196.
- GONÇALVES, Rafael. Soares A política, o direito e as favelas do Rio de Janeiro: um breve olhar histórico. Urbana, Campinas, v. 1, n. 1, 2006.
- _____. Soares Favelas do Rio de Janeiro: história e direito. Rio de Janeiro: Editora Pallas PUC-Rio, 2013.
- GOFFMANN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LEVY, Sofia Débora. Holocausto: vivência e retransmissão. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MACIEL, Gláucio Gleí. Mercantilização da cidade do Rio de Janeiro e suas implicações na gestão de unidades de conservação: um estudo sobre a concessão do Setor Paineiras/ Corcovado (Parque Nacional da Tijuca- RJ) e os efeitos sobre os moradores das favelas do Cerro-Corá e dos Guararapes. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2015.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos. 1989.

- ROLNIK, Raquel. Guerra dos Lugares. A colonização da terra e da moradia na era
- SOARES. G. S. Entre o projeto de modernidade e a efetivação da democracia: marcas deixadas na construção da vida social brasileira. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n.109, jan/mar. 2012.
- TELLES, Vera da Silva. Direitos sociais: afinal do que se trata? Revista USP, São Paulo (37):34-45, Março/Maio 1998.

SITES PESQUISADOS:

- Site Rio+Social/ Instituto Pereira Passos:

<<http://www.riomaisocial.org/territorios/cerro-cora-guararapes-vila-candido/?secao=inicio/>> Acesso em: 20 de abril de 2019.

- Documentário “Associação dos Moradores do Guararapes”- Direção de Sérgio Péa:

<<http://www.youtube.com/watch?v=UaK9M9Owaql&feature=youtu.be/>> Acesso em 14 de dezembro de 2019.

- História do bairro Cosme Velho:

<<http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/cosme-velho.html>> Acesso 20 de junho de 2018